

ÁFRICAS LUSÓFONAS, ÁFRICA IBERÓGRAFA: A EXPERIÊNCIA LITERÁRIA DA GUINÉ EQUATORIAL

Amarino Oliveira de Queiroz¹

Em 13 de julho de 2007, a República da Guiné Equatorial decretou o idioma português como sua terceira língua oficial, ao lado do espanhol e do francês. Devido à sua suposta legitimidade, tal decisão foi recebida com reserva por parte da comunidade lusófona internacional: pese aos laços que unem o país à antiga África colonial ibérica, descoberto que foi pelos navegadores portugueses e, após algumas negociações entre as partes, efetivamente ocupado e explorado pelos colonizadores espanhóis, para muitos observadores políticos o episódio revelaria uma manobra de motivação meramente econômica. Esta necessidade de oficialização da língua portuguesa teria sido desencadeada a reboque da recente descoberta de grandes jazidas de petróleo ao longo de todo o Golfo da Guiné, acontecimento que atraiu os interesses comerciais de vários países investidores, dentre eles o Brasil, país que, coincidentemente ou não, promoveu no ano de 2010 a primeira visita oficial de um Chefe de Estado àquele território.

Vivendo sob um regime político que se auto-proclama democrático, há mais de trinta anos a Guiné Equatorial é conduzida por um mesmo mandatário graças a um golpe militar perpetrado contra a ditadura que ali se instalou poucos meses após a sua independência política da Espanha. Tendo o castelhano como primeira língua oficial, em realidade a Guiné Equatorial configura um intrincado mosaico lingüístico onde convivem diversos idiomas autóctones, a exemplo daqueles utilizados pelos povos bubu, combe, bisio e fang, todos eles grupos étnicos da família lingüística bantu, bem como o anobonês, ou *fa d'ambo*, crioulo de base portuguesa falado na ilha de Ano Bom, bastante assemelhado à língua forro de São Tomé e Príncipe e um dos argumentos utilizados para a sua adesão à Comunidade dos Países de Língua Oficial Portuguesa.

Ocorrem ainda uma variante crioula do inglês, que se estende através da ilha de Bioko, e o francês, nas transações comerciais realizadas com países africanos oficialmente francófonos que partilham de comunidade financeira e monetária comum. O uso das línguas vernáculas é, contudo, limitado à etnia correspondente, motivo pelo qual o espanhol, adotado pelo sistema educativo, se converteu no idioma mais falado em todo o território nacional e o principal recurso lingüístico de comunicação interétnica, o que reproduz também o velho conflito entre identidade cultural, nacionalidade e oficialidade lingüística. Por outro lado, num momento em que um dirigente africano como o general Teodoro Obiang que, como vimos, se mantém no comando da Guiné Equatorial desde 1979, sinaliza para a conveniência de implementar o português como língua oficial do país por interesses de caráter econômico, já tendo instituído a oficialidade do francês pelas mesmas razões, coloca-se em cheque a consistência do conceito de língua oficial no contexto dos países colonizados.

Antes de adentrarmos na especificidade literária guineana, convém assinalar que a circulação da língua espanhola na África está envolvida em diferenciados contextos geo-políticos e culturais que, por sua vez, alinham registros literários igualmente diversificados. Sua invisibilidade lingüística, porém, compromete tanto a difusão como a apreciação dos registros culturais ali produzidos, situação agravada pela própria

¹ Doutor em Teoria da Literatura pela Universidade Federal de Pernambuco, com tese sobre as Literaturas Africanas de Línguas Portuguesa e Espanhola. Mestre em Literatura e Diversidade Cultural pela Universidade Estadual de Feira de Santana – BA, com dissertação sobre Poéticas da Oralidade Afro-brasileira (Rap e Embolada). Bacharel em Letras pela Universidade Federal da Bahia. Professor Adjunto da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, campus de Currais Novos. Contato: amarinoqueiroz@yahoo.com.br

dificuldade de acesso às obras poéticas e de ficção publicadas, bem como pela falta de divulgação dos estudos acadêmicos voltados para o tema em nosso meio.

Em contrapartida, convém destacar o trabalho que vem sendo desenvolvido nesta direção, a nível internacional, por estudiosos e criadores africanos de diferentes regiões do continente, sendo Donato Ndong-Bidyogo, Mbaré Ngom, Mohamed Bouissef Rekab, Justo Bolekia Boleká, Joseph-Desiré Otabela Mewolo, Trinidad Morgades Besari, Muhammed Chakor, Sosthène Onomo-Abena, Mohamed Ali-Ali Salem, Juan Tomás Ávila Laurel, Ahmed Oubali, Monique Nomo Ngamba ou Bahia Awah alguns deles. E ainda as investidas em temas lingüísticos e literários africanos hispanos levadas a cabo por intelectuais procedentes ou atuantes na Europa e nas Américas, como é o caso de Gloria Nistal, Baltazar Fra Molinero, Francisco Cenamor, Dosinda García Alvite, Jacint Creus, Juan Antonio de Urda Anguita, Benita Sampedro, Frigidiano Álvares Durántez, Jorge Salvo, Antonio Quilis, Conchi Moya ou John Lipski, para ficar com mais alguns exemplos, muito embora também esta contribuição permaneça em grande parte invisibilizada como referência de leitura nos currículos de Letras brasileiros, onde, em grande parte, os conteúdos ofertados das disciplinas de literaturas de língua espanhola privilegiam a experiência peninsular e a dos autores canônicos do universo hispano-americano, em detrimento de outras experiências.

Um breve registro da criação literária contemporânea em língua espanhola no continente africano contemplaria:

a) O território neo-colonial do arquipélago das Canárias, com registros costumeiramente classificados, assimilados e difundidos como literatura nacional espanhola em castelhano;

b) As cidades de Ceuta e Melilla, enclavadas em plena costa mediterrânea do Marrocos. Embora a monarquia parlamentarista espanhola as situe, juntamente com o arquipélago das Canárias, na condição de *comunidades autonómicas*, a situação política dos três territórios apresenta-se delicada. Existem organizações como o *Movimiento por la Autodeterminación e Independencia del Archipiélago Canario – MPAIAC*, que defendem textualmente a autonomia político-administrativa das ilhas, considerando-as colônias da Espanha a oeste da África. Estes segmentos pro-independência encontram, no entanto, e dentro do próprio território canário, setores que tanto defendem a manutenção do atual status político-administrativo como negam a africanidade das ilhas. Já as regiões de Ceuta e Melilla são reivindicadas pelo governo marroquino e por grupos que apóiam sua re-anexação àquele país norte-africano.

c) As áreas historicamente vinculadas ao universo arábico e berbere, como o Marrocos, o Saara Ocidental e os campos de refugiados saarauis em Tinduf, Argélia. Neste último espaço, a presença do castelhano se faz sentir igualmente como idioma de resistência, tanto através da comunicação diária e de sua adoção no ensino como pelo seu cultivo na criação musical e literária. Aproximadamente 200.000 refugiados saarauis utilizam o idioma nesses assentamentos, compartilhando-o com sua língua materna, o árabe hassania, enfrentando as duras condições naturais do deserto argelino e contando com uma precária ajuda internacional. Crianças saarauis aprendem espanhol em escolas que funcionam nestes acampamentos graças a materiais impressos na Suécia ou na Áustria, ou às doações particulares da solidariedade espanhola, sendo que muitos deles acabam por trasladar-se, mais tarde, a Cuba, para terminar ali os estudos secundários e universitários (ALVARADO, 2008). Destino de muitos dos cidadãos exilados, funcionam também na Espanha diversos comitês civis de apoio à causa saarauí;

d) A Costa do Marfim, os Camarões e a República Democrática do Congo, países que adotaram o francês como língua oficial após suas respectivas independências;

e) A República da Guiné Equatorial. Não obstante o isolamento e a invisibilidade, são intensas as suas relações com o universo sócio-histórico, cultural e lingüístico afro-ibero-americano, encontrando precisamente na atividade literária peculiar e emergente expressão.

Na tentativa de mapear criações que, juntamente com Mbaré Ngom (2003:111), passaremos a referir em seu conjunto mais amplo como literaturas africanas hispanas, concentraremos-nos no recorte guinéu-equatoriano. A experiência literária deste país sub-saariano encontra destaque em alguns aspectos que lhe são bastante peculiares: a problemática do exílio, a simbiose entre as culturas banta e ibérica, o labor com a memória e o vínculo estabelecido entre a oralidade e a escrita. A designação hispano-negro-africana, utilizada para classificar a sua literatura em particular, aparece aqui como elemento de distinção frente à idéia de uma literatura afro-hispana, pois, de acordo com a caracterização pretendida por Jorge Salvo (2003:1), que também passamos a adotar, o hispano-africano, ou hispano-negro-africano compreende, em linhas gerais, o conjunto cultural expresso em língua espanhola na Guiné Equatorial, enquanto que o afro-hispano serve como referência para as culturas desenvolvidas pelos povos afro-descendentes no âmbito continental da América hispânica, incluindo-se aí suas manifestações literárias.

Ainda de acordo com as formulações desenvolvidas por Salvo (op. cit., p. 10), o próprio vocábulo —afrol veio apresentando gradativamente um despojamento desse seu sentido geográfico para assumir, no plano cultural, um patamar que ultrapassa as fronteiras da mera delimitação espacial. Desta forma é que designações como afro-cubano, afro-peruano ou afro-brasileiro passariam a referir as culturas desenvolvidas pelos descendentes dos escravos africanos trazidos para as Américas.

Disposta em relação à realidade africana contemporânea, e mais especificamente ao contexto da Guiné Equatorial, a questão das identidades se reflete na convivência do pluralismo étnico com um particular sentido de pertença e de inserção no universo das hispanidades. Data de 1953 o aparecimento da primeira obra impressa da literatura guinéu-equatoriana, um romance assinado por Leoncio Evita: *Cuando los combes luchaban*. Apesar da polêmica gerada por parte de alguns estudiosos, que classificaram esta obra como apenas mais um produto derivado da literatura colonial por manter-se fiel à perspectiva metropolitana, para outros antologistas sua publicação funcionaria como uma espécie de marco inicial da literatura no país (NDONGO- BIDYOGO, 2005:2).

Publicado em 1962, um segundo título romanesco marcaria os primórdios da literatura escrita naquele país: *Una lanza por el Boabí*, de Daniel Jones Mathama. Diferindo do protagonismo espanhol que define o romance de Leoncio Evita anteriormente referido, temos agora pela primeira vez ilustrado um personagem principal negro e guinéu-equatoriano. O final da década dos 60 do século passado assinalaria a independência política da Guiné Equatorial, ocorrida a 12 de outubro de 1968, ainda em plena vigência da ditadura franquista na Espanha. Este episódio não teria como resultado a conseqüente autonomia e autodeterminação da Guiné Equatorial, uma vez que apenas quatro meses e meio depois começaria a ser implantado um regime de força chefiado pelo militar Francisco Macías Nguema.

No ano de 1970, Macías Nguema proclamou-se presidente vitalício, mas sua permanência no poder não iria durar mais do que onze anos, deposto que foi através de

golpe perpetrado, em 1979, pelo seu próprio sobrinho e ministro da Defesa, Teodoro Obiang Nguema Mbasogo. No período ditatorial de Macías, entre tantas outras alterações, ficou proibido o ensino e o uso oficial do espanhol, taxado na altura como língua imperialista, o que repercutiria, conforme veremos, sobre a criação artística e literária guinéu-equatoriana. Julgado por traição e genocídio da população, Macías foi condenado e sumariamente executado no mesmo ano do golpe militar que lhe interrompera um mandato pretensamente vitalício. Com a permanência forçada de Obiang na condução política do país, apesar de um suposto estado de pluralismo partidário oficialmente declarado, mas por ele definido, e apesar dos contragolpes comandados pela resistência organizada e das intervenções realizadas por toda uma equipe paralela de governo que lhe ignora a autoridade, fazendo-lhe uma organizada e contundente oposição a partir do exterior, o futuro político da Guiné Equatorial permanece por enquanto obscuro e desalentador.

Os chamados anos de silêncio que acompanharam o período mais sanguinolento da ditadura Macías veriam surgir, no entanto, algumas obras literárias no exílio, abrindo espaço para um momento de ruptura que por sua vez daria lugar a uma fase mais ascendente: nela revelar-se-iam autores como o próprio Donato Ndongo-Bidyogo e Francisco Zamora Lobo. A experiência do exílio, a busca de uma identidade hispano-negro-africana e o trabalho com a memória constituem algumas das características comuns às obras assinadas por estes dois autores. Ndongo-Bidyogo revelou-se, inclusive, um escritor bastante prolífico, publicando diversos artigos, ensaios e livros dedicados a temas de interesse histórico, político e literário, além de enveredar pela ficção, notadamente o romance. Foi o autor da primeira antologia da literatura guinéu-equatoriana, levada a público na Espanha apenas no início da década de 80 do século passado.

A publicação desta primeira coleção de textos poéticos e narrativos da literatura nacional representaria, segundo seu idealizador, a afirmação de que, por não rechaçar os aportes essenciais de outras civilizações como a técnica, a escritura e a língua, a Guiné Equatorial, pelo contrário, podia demonstrar que não apenas estava incorporando positivamente estas contribuições, mas também as disponibilizava em seu próprio benefício: vertendo-as em instrumentos de liberação e de projeção rumo à universalidade. Dentre as obras ficcionais de Donato Ndongo-Bidyogo ganha destaque a trilogia romanesca intitulada *Los hijos de la tribu*, cuja estruturação segue os ritmos e as formas narrativas da tradição oral africana, apresentando uma visão sócio-histórica da realidade guinéu-equatoriana através do período colonial, passando pelo processo da independência, a subsequente experiência da ditadura nos anos 70 e chega até a década dos 90 do século passado.

Prosseguindo com a apreciação cronológica da trajetória literária guinéu-equatoriana, vamos verificar que no período compreendido entre as três últimas décadas do século passado, após uma estréia baseada no conto e no romance, vieram à tona textos poéticos e ficcionais produzidos por, entre outros autores, Ciriaco Bokesa, Constantino Ocha'a, Juan Balboa Boneke, da primeira romancista guinéu-equatoriana, María Nsue Angüe, (*Ekomo*, 1985), e de Raquel Ilonbé, responsável pela publicação do primeiro livro de poesias assinado por uma autora nacional (*Ceiba*, 1978), onde se encontra o poema que se segue, —Los ríos hablan!:

Los juncos tapen mi cuerpo, mis pies, mi cara, // que nadie vigile / que escucho
en silencio el agua / de los ríos que me hablan. // El sonido de las piedras, / al
rozarse con el agua, / son besos de tarde y luna, / y besos de madrugada. // Un
día me dijo alguien / que los ríos nunca hablan, / que sólo siguen su curso / y sin

palabras escapan. // Qué triste pasó aquel día / al escuchar sus palabras, / me fui corriendo hacia el río / para que él me explicara / por qué yo le oigo tan claro / y otros no le oyen nada. (ILONBÉ, 1978)

Frente à tímida presença feminina nas letras nacionais à época da publicação desse livro, o poema em questão revela, metaforicamente, através da figura de um rio que fala e que se faz ouvir, a relação tradicional do homem africano com a natureza e com a circularidade do tempo, sintonizando o leitor com alguns dos aspectos que caracterizam a cosmovisão dos povos bantos. Para além disso, sugere também o silenciamento a que estão submetidas as vozes poéticas femininas e a própria produção guinéu-equatoriana dentre as literaturas africanas escritas em línguas europeias.

Às investidas dos autores guinéu-equatorianos mencionados vêm se somando, ao longo dos últimos anos, nomes como os de Elsa López, Marcelo Ensema, Julián Bibang, Anacleto Oló, Carlos Nsue Otong, Antimo Esono Ndongo, Ana Lourdes Sohora, Bienvenido Ivina Esua, Trinidad Morgades Besari, Jerónimo Rope Bomabá e Remei Sipi. Ou ainda: Juan Manuel Jones Costa, Desiderio Mbomio, Pancrácio Esono, María Caridad Riloha, Gerardo Behori Sipi, Joaquín Mbomio Bacheng, Maximiliano Nkogo, Justo Bolekia Boleká, Mercedes Jora, Eugenio Ondó, José Siale Ndjangany, Juan Tomás Ávila Laurel, Guillermina Mekuy e J.M. Davies.

Se comparado ao percurso histórico de outras literaturas africanas produzidas em línguas europeias, o exercício ficcional em prosa configura um aspecto diferenciador relevante na produção hispano-negro-africana da Guiné Equatorial. Ao contrário de São Tomé e Príncipe, da Guiné-Bissau ou dos países francófonos, por exemplo, a literatura guinéu-equatoriana encontrou sua estréia no conto, seguido de perto pelo romance, tendo a expressão poética tomado maior vulto somente a partir dos anos 60 do século XX. Em contrapartida, diferentemente das investidas literárias anticolonialistas que tiveram lugar nas antigas colônias africanas anglófonas, francófonas e lusófonas, sua produção colonial não foi marcada pelo registro de uma literatura de resistência, na qual a criação literária e a militância político-social caminhassem estreitamente relacionadas. Uma postura reivindicatória e contrária aos rumos políticos do país foi assumida, por parte da grande maioria desses autores, justamente a partir do período de pós-independência e da subsequente experiência ditatorial, como bem o ilustra o poema *Silencio, silencio!*, de Juan Tomás Ávila Laurel:

Un minuto de silencio / vale más que un siglo / de aplausos. Silencio. // Cierras los ojos y ante ti ves / pasar siglos de historia / cargados de bromas / que los hombres hicieron. / Unos que pasaron por reyes infelices, / otros por felices tenderos, todos exhiben la inocente tristeza // de hombres que no merecen lo que tuvieron. / Cierras los ojos y con ello comprendes / que la historia sólo pretende una cosa: / Aún no sea fácil tarea, / dejar al culpado por inocente / y sin pecado al que tuvo // una cadena de errores. / Pero a los buenos se les entierran vivos / para que no pequen. (LAUREL, 1994)

Guardando-se as devidas peculiaridades, atitudes como esta permanecem até os dias atuais na forma de uma expressão literária claramente ideologizada e vigilante onde repercute, de forma bastante clara, o compromisso efetivo que muitos dos escritores guinéu-equatorianos assumiram com o seu país, sobretudo após a ruptura política, o banimento e o exílio, uma vez que, de acordo com as palavras de Donato Ndongo-Bidyogo,

como los juglares de nuestra tradición, somos los dueños del verbo, de la palabra, los intermediarios por excelencia entre esa palabra y la acción. Hurgamos en nuestras almas para exteriorizar las necesidades del cuerpo social, para hacer explícitas tanto las carencias como los anhelos, para proponer, como vehículos del cambio, esas transformaciones necesarias para la evolución, e incluso para la subsistencia. (NDONGO-BIDYOGO, 2006, p. 7).

No trabalho desenvolvido pela maioria desses autores revela-se uma aproximação entre elementos bantos e hispânicos, possibilitando assim um fértil encontro do verbo com a palavra escrita mediado pela memória. É nesta direção, pois, que se vem formatando significativa amostra de sua literatura contemporânea, procedimento que, já o sabemos, alinha a experiência desenvolvida por autores guinéu-equatorianos a grande parte daquela produzida em países africanos de língua oficial portuguesa. A significativa entrada da Guiné Equatorial no cenário das letras hispânicas é saudado com otimismo por muitos autores.

O escritor e crítico Donato Ndongo-Bidyogo chama a atenção para o fato de que o universo literário em língua espanhola estaria começando a encontrar, especificamente nessa produção africana da Guiné Equatorial, a convergência para o terceiro vértice de um eixo que configura, na atualidade, a geografia lingüística de um idioma oficialmente partilhado por europeus, americanos e africanos. Isto se não quisermos considerar, diga-se de passagem, a expressão asiática conformada na vasta e igualmente ignorada literatura filipina em espanhol, que após uma fase de apogeu entrou em franco declínio mas que, nos últimos anos, por empenho de alguns novos representantes e alentada pelo retorno do castelhano à condição de idioma co-oficial no país, vem dando sinais de recuperação.

A aposta de Ndongo-Bidyogo é a de que a literatura guinéu-equatoriana cumprirá o seu papel na tarefa de revitalizar a língua e a cultura em língua espanhola, uma vez que tanto uma como a outra já não poderão ser compreendidas se as dissociarmos do aporte afro. Seguindo o mesmo raciocínio, entendemos que em cada um desses territórios africanos em que se faz presente como língua de comunicação, de educação e/ou de literatura, o castelhano apresenta características que certamente tanto o aproximam como o distinguem da realidade peninsular e mesmo da hispano-americana. É, pois, nessa perspectiva de abertura e de ampliação dos caminhos já trilhados que aqui nos posicionamos, esperando que o estudo das produções literárias africanas hispanas também não permaneça relegado à obscuridade, ocupando efetivamente um merecido lugar dentro dos atuais estudos afro-ibero-americanos.

REFERÊNCIAS

- ABDELFAH, Mohamed Salem. *La poesía saharauí*. In: Revista Ariadna, número 25, especial: Cultura y literatura saharauí. Disponível em: <http://www.ariadna-rc.com/numero25/sahara/sahara.htm> Acessado em 3 abr 2007.
- ALI, Ahmed Mulay. *El silencioso debate de los animales*. México: Godoy, 2008.
- ALI, Ahmed Mulay. *Viaje a la sabiduría del desierto*. México: Sky S.A., 2006.
- ALVARADO, Maria José. *Descubriendo la literatura africana en español*. Disponível em: http://www.laopinion.es/secciones/noticia.jsp?pRef=2008032100_24_134510_2C-Descubriendo-literatura-africana Acessado em: 26 abr 2008.
- AMO, Mercedes del. La creación literaria de las mujeres magrebíes. In: *Miscelánea de estudios árabes y hebraicos*. Sección de árabe e islam. V. 50. Granada, 2001, pp. 53-67.
- LAUREL, Juan Tomás Ávila. *Poemas*. Malabo: CCHG, 1994.
- AWAH, Bahia Mhmud. Los libros. In: *La jaima de la poesia saharauí*. Disponível em:

- http://www.generacionamistadsaharai.com/poesia/bahia_mahmud_awah.htm
Acessado em: 27 abr 2007.
- BOICHA, Limam. *Benaissa y las zonas liberadas*. Disponível em: <http://www.nodo50.org/labarored/interpueblos/Sahara/noticias/febrero06.htm#lb110206>
Acessado em: 27 abr 2007.
- BOICHA, Limam. Un beso. In: *Los versos de la madera*. Las Palmas: Puentepalo, 2004.
- CENAMOR, Francisco. *Poesía saharai en castellano*. Disponível em: <http://letraclara.wordpress.com/> Acesado em: 22 abr 2008.
- DOMÍNGUEZ, Manuel. *Medej – Cantos antiguos saharauis. Música Tradicional saharai*. In: Revista Ariadna, número 25, especial: Cultura y literatura saharai.
- GENERACIÓN DE LA AMISTAD SAHARAUI. Disponível em: <http://www.generacionamistadsaharai.com/> Acessado em: 25 mar 2007.
- HAMADI, Abderrahman Budda. *Lágrimas de alegría*. Valencia, España: Editorial Associació Al-Amal de Solidaritat amb el Poble Sahraui, 2007.
- HASNAUI, Zhara El. —Saharaiual. In: *La jaima de la poesía saharai*. Disponível em: http://www.generacionamistadsaharai.com/poesia/zahra_hasnau.htm Acessado em: 27 abr 2007.
- ILONBÉ, Raquel. *Ceiba*. Madrid : Editorial Madrid, 1978
- LACAVE, Maribel. *Sin fronteras*. Tenerife, Canarias: CCPC, 201.
- LIPSKI, John M. *El español en el mundo: frutos del último siglo de contactos lingüísticos*. Disponível em: www.personal.psu.edu/jml34/mundo.pdf. Acessado em: 23 jul 2006.
- MOYA, Conchi. *Poetisas saharauis*. Disponível em: <http://www.saharalibre.es/modules.php?name=News&file=print&sid=1117>
Acessado em: 26 abr 2008.
- NDONGO-BIDYOGO, Donato. *Literatura guineana: una realidad emergente*. Conferencia en Hofstra University. 3 de abril, 2006. Disponível em: http://www.hofstra.edu/PDF/lacs_event_040306.pdf. Acesso em: 5 mai 2006.
- NGOM, Mbaré. Literatura africana de expresión española. In: *Cuadernos*, n.º 3. Centro de Estudios Africanos de la Universidad de Murcia, 2003, pp. 111-135.
- NDONGO-BIDYOGO, Donato; NGOM, Mbaré. *Literatura de Guinea Ecuatorial* (Antología). Madrid: Sial Ediciones, 2000. NSUE, María. *Ekomo*. Madrid: UNED, 1985.
- PRADOS, Frigidiano Álvaro Durántez. *El idioma español en África subsahariana: aproximación y propuestas*. 28/9/2004. Disponível em: <http://www.realinstitutoelcano.org/analisis/580.asp> Acessado em: 25 mar 2007.
- QUEIROZ, Amarino Oliveira de. *Otras literaturas hispánicas: las letras negroafricanas de Guinea Ecuatorial*. In: I Congresso Internacional da Associação Brasileira de Hispanistas / V Congresso Brasileiro de Hispanistas, 2008, Belo Horizonte. Caderno de Resumos Expandidos. Belo Horizonte: UFMG, 2008.
- QUEIROZ, Amarino Oliveira de. *Verde oasis de la palabra: la literatura en español del Sáhara Occidental*. In: I Congresso Internacional da Associação Brasileira de Hispanistas / V Congresso Brasileiro de Hispanistas, 2008, Belo Horizonte. Caderno de Resumos Expandidos. Belo Horizonte : UFMG, 2008.
- QUEIROZ, Amarino Oliveira de. *O idioma espanhol no continente africano - algumas considerações preliminares*. In: QUEIROZ, Rita de Cássia Ribeiro de.. (Org.). Anais do II Seminário de Estudos Filológicos. Salvador: Quarteto, 2007.
- QUEIROZ, Amarino Oliveira de. *As inscricuras do verbo: dizibilidades performáticas da palavra poética africana*. Tese de doutorado. Recife: UFPE/Pgletras, 2007,
- QUILIS, Antonio. *La lengua española en cuatro mundos*. Madrid: Editorial MAPFRE,

1992.

REVISTA ARIADNA. Número especial: *Cultura y literatura saharai*. 2004. Disponível em: <http://www.ariadna-rc.com/numero25/sahara/sahara.htm> Acessado em: 3 abr 2007.

SALVO, Jorge. *La formación de identidad en la novela hispanoaficana: 1950-1990*. Miami: Florida State University, College of Arts and Sciences, 2003. Tesis doctoral.

TADOUN, Guy Merlin Nana; METANO, Germain; NDÉ, Céline Clémence Nagnéché; NANG, Mbol . *Equinoccio – Poesía hispanocamerunesa*. Las Palmas de Gran Canarias: Puentepalo, 2007.

VV.AA. Canarias: de las endechas a la narrativa última. In: *Quimera* n.º 153-154. Barcelona: Ediciones de Intervención Cultural, 1996-1997, pp. 55-132.